

## **SABERES DA EXPERIÊNCIA DE MULHERES LABIRINTEIRAS DA COMUNIDADE DE REDONDA/CE <sup>1</sup>**

Eliane Cota Florio

*Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC/UERN), elianeeg@hotmai.com*

Stenio de Brito Fernandes

*Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC/UERN), stenioandre@hotmai.com*

Geraldo Mendes Florio

*Programa de Pós-Graduação (UNP), geraldoflorio@hotmai.com*

Magnólia Maria Oliveira Costa

*Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC/UERN), magnoliamarinho94@gmail.com*

Ana Lúcia Oliveira Aguiar

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), oliveiraaguiarpetro@gmail.com*

### **Resumo**

Este artigo é resultado de uma aula de campo realizada na Comunidade de Redonda, pertencente ao município de Icapuí, no estado do Ceará. A experiência contou como atividade requerida pela disciplina Memória, Formação e Pesquisa (Auto)Biográfica, oferecida pelo Mestrado do Programa de Pós - Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). O problema investigado faz referência à seguinte questão: como os saberes da experiência de mulheres labirinteiras têm contribuído para a formação do cotidiano da Comunidade de Redonda/CE? Assim posto, o estudo tem como objetivo, compreender por meio das narrativas (auto)biográficas como os saberes da experiência de mulheres labirinteiras tem contribuído para formação e (auto)formação do cotidiano da Comunidade de Redonda/CE. A pesquisa tem caráter qualitativo e faz uso do método (auto)biográfico, a partir das narrativas de mulheres labirinteiras de Redonda/CE. Os resultados apontam que os saberes da experiência dessas mulheres estão sendo repassados e compartilhados com os outros que vivem no lugar. Dessa forma, pode-se admitir que tais saberes estão contribuindo para a (auto)formação do cotidiano dos moradores da Comunidade de Redonda/CE. Por consequência, essas mulheres se afirmam como sujeitos de pertença desta comunidade, na (auto)formação de si e na relação com o outro. É necessário ressaltar que as narrativas (auto)biográficas são caminhos que possibilitam a reflexão da prática cotidiana e que é através da prática que se confirmam, modificam e ampliam os diferentes saberes com os quais o sujeito reconstrói o passado, na conciliação da memória individual com a memória coletiva.

**Palavras-chave:** Saberes da experiência. Narrativas. História de vida. Mulheres labirinteiras.

---

<sup>1</sup>. O artigo é uma releitura do recorte da pesquisa Memórias, Saberes e Fazeres do Mar: Narrativas (auto) biográficas de homens e mulheres de Redonda/CE, publicada no IV Seminário Nacional do Ensino Médio – SENACEM (2016). Neste artigo, o foco está nas narrativas de mulheres labirinteiras da Comunidade de Redonda/CE. Vale frisar que foram feitas alterações relacionadas à fundamentação e às interpretações das produções.

## Introdução

Este artigo é resultado de uma aula de campo realizada na Comunidade de Redonda, pertencente ao município de Icapuí, no estado do Ceará. A experiência contou como atividade requerida pela disciplina Memória, Formação e Pesquisa (Auto)Biográfica, oferecida pelo Mestrado do Programa de Pós - Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).e cursada por nós no semestre de 2015.2, na condição de alunos especiais. A disciplina foi ministrada por duas professoras vinculadas ao POSEDUC/UERN.

Durante a aula, a professora orientadora trouxe discussões teóricas e práticas que serviram de alicerce para o presente artigo, que segue o viés da pesquisa (auto)biografia, com a abordagem de conceitos como Memórias, Histórias de vida, Saberes e Experiências de Formação. A pesquisa ora apresentada traz os saberes da experiência de mulheres labirinteiras da Comunidade de Redonda/CE, que têm nas mãos e na alma a arte de ensinar o que aprenderam com o outro, na convivência em coletividade.

A partir das suas narrativas e dos saberes da experiência, vivenciadas e compartilhadas na comunidade, temos como problema à seguinte questão: como os saberes da experiência de mulheres labirinteiras têm contribuído para a formação do cotidiano da Comunidade de Redonda/CE? Assim posto, traçamos como objetivo, compreender por meio das narrativas (auto)biográficas como os saberes da experiências de mulheres labirinteiras tem contribuído para formação e (auto)formação do cotidiano da Comunidade de Redonda/CE.

Para acessarmos a Comunidade de Redonda/CE, a professora orientadora e onze alunos da disciplina especial do POSEDUC/UERN, saímos de Mossoró/RN, no dia 19 de dezembro de 2015, com destino ao litoral leste do Ceará, em direção ao município de Icapuí, com população estimada em 19.385 habitantes, no ano de 2009. O município conta com 30 comunidades, entre elas a Comunidade de Redonda, que se encontra a 16 km da Sede Municipal de Icapuí/CE. (MARINHO, 2010).

Dentre as atividades praticadas pela comunidade, essenciais à garantia de condições de vida, se destacam a pesca, quase que essencialmente de lagosta, e o artesanato. Segundo uma moradora Dona Dona Flor<sup>2</sup>, antiga da comunidade, a origem do nome Redonda surgiu quando, conversando em cima da ponte do vigário, seu pai e outra pessoa observaram que o

---

<sup>2</sup> O nome Dona Flor é fictício e foi escolhido para identificar a moradora labirinteira da Comunidade de Redonda/CE. Optamos por esse método, a fim de garantir sua privacidade, como também a confiança depositada no pesquisador, a fidelidade e a ética exigidas pela pesquisa.

lugar era redondo. Mais tarde, um padre batizou o lugar de Santa Luzia, porém o nome não foi usado, continuando como Redonda.

O local se destaca pelas belezas naturais e pela política, além de já ter uma estrutura comunitária consolidada com a presença de uma Associação de Moradores, desde 2002, e do Sindicato de Pescadores Artesanais, desde 2009. (MARINHO, 2010).

A Comunidade de Redonda/CE tem o segundo maior contingente populacional do município de Icapuí, cerca de 3.000 habitantes, com um total de, aproximadamente, 610 famílias. Tem também o segundo número de embarcações à vela (213 unidades), destinadas à pesca de lagosta (MARINHO, 2010). A comunidade ainda revela um forte sentimento de pertencimento ao local. À época de sua emancipação em relação ao município de Icapuí, no ano de 1985, houve um contingente muito grande de pessoas externas à Comunidade querendo adquirir moradias de pescadores para a construção de casas de veraneio, entretanto, a comunidade reagiu impondo certos critérios, tanto para quem vendia como para quem comprava as residências (MARINHO, 2010).

## **Metodologia**

A pesquisa é de abordagem qualitativa apoiada em Bogdan e Biklen (1994). Segundo os autores a investigação qualitativa é descritiva, os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos. Os investigadores qualitativos levam em consideração que numa pesquisa qualitativa as respostas não são objetivas e que o propósito não é contabilizar quantidades como resultado, mas sim conseguir compreender o comportamento de determinado grupo-alvo. Nesse tipo de pesquisa, os entrevistados estão livres para descrever e apontar seus pontos de vista.

Como instrumento investigativo usamos a pesquisa (auto)biográfica, a partir do método (auto)biográfico apoiados teoricamente em Josso (2010) e Souza (2006). Segundo Souza (2006), a pesquisa (auto)biográfica é entendida como um processo formativo e (auto)formativo, através das experiências dos atores em formação. Para o auto essa abordagem biográfica pode ser denominada de história de vida, com diferentes variações face ao contexto e campo de utilização. Conforme afirma Josso (2010), a pesquisa (auto)biográfica são relatos de vida escritas, centradas na perspectiva das experiências formadoras e fundadoras de nossas identidades, em evolução, bem como de nossas ideias e crenças, mais ou menos estabilizadas, e de nossos hábitos de vida e de ser com relação a nós mesmos, aos outros, ao nosso meio

humano e natural, com a particularidade de serem territórios, por vezes, tangíveis e invisíveis.

No tocante aos saberes da experiência, Tardif (2012) destaca que os saberes experienciais são produzidos por meio da vivência de situações específicas relacionadas ao espaço e em contato com o outro, ou seja, na experiência individual e coletiva. Esses saberes compõem um conjunto de quatro tipos diferentes de saberes identificados pelo autor ao tratar especificamente da atividade docente: os saberes da formação profissional; os saberes disciplinares; os saberes curriculares e os saberes experienciais. Devemos salientar que os saberes da experiência são resultantes dos conhecimentos e ensinamentos aprendidos ao longo da vida familiar e social, no decorrer da trajetória vivida, no seu próprio lugar de convívio, na comunidade, por meio das relações estabelecidas entre si e com o outro (TARDIF, 2012).

Falar em pesquisa (auto)biográfica ou narrativa (auto)biográfica nos impõe refletir a respeito da memória, uma vez que os fatos relatados nela estão armazenados. Pollak (1992) e Halbwachs (1990) advertem para a existência de dois tipos de memória, a individual e a coletiva. O primeiro admite ainda que a memória pode ser seletiva, pois nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado. Nesse caso, a memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa.

A partir das lições de Pollak (1992) e das entrevistas realizadas com as mulheres labirinteadoras, percebemos que a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Essa visão, entretanto, contrasta com a que obtivemos por meio dos relatos de moradores de Redonda/CE, elaborados tanto pela memória individual como pela memória coletiva. Essa perspectiva se adequa à concepção de Halbwachs (1990), que admite a memória como um fenômeno coletivo e social, ou seja, construída coletivamente e submetida a flutuações, transformações e mudanças constantes em uma sociedade, tanto no plano da memória individual como coletiva. O autor ainda afirma que a memória individual é um ponto de vista da memória coletiva.

Construímos no primeiro momento, uma sessão de narrativas, a partir de uma roda de conversa no restaurante *O Pescador*, os participantes foram: a professora orientadora, onze alunos da disciplina especial e duas moradoras da comunidade Dona Flor e Dona Rosa, são irmãs, e adoram a arte do labirinto. Na roda de conversa, tivemos a oportunidade de ouvir e gravar os relatos de vida e das experiências do cotidiano da comunidade. No caminho da pesquisa, construímos o segundo momento, à tarde a professora orientadora dividiu vários grupos para fazermos visitas nas casas dos moradores na intenção de registrar todas as conversas com a permissão deles, fomos na casa de Dona Flor (labirinteadora) e do senhor José

(pescador), lá conversamos também com Dona Rosa (labirinteira). A pesquisa (auto)biográfica por meio do método (auto)biográfico, permitiu a mediação entre as ações e a estrutura, ou seja, entre a história individual e a história social dos sujeitos no processo de formação. Ao realizarmos as sessões de narrativas, utilizamos perguntas semiestruturadas dos três sujeitos da pesquisa, buscamos reflexões para os nossos objetivos. A partir dos seus relatos de vida, procuramos compreender se os saberes da experiência dessas mulheres estão sendo compartilhados entre os moradores da comunidade.

## **Resultados e Discussão**

A visita à Comunidade de Redonda/CE, realizada em 2015, nos trouxe muito aprendizado. Percebemos que, além da pesca, existem outras atividades econômicas importantes para a garantia de condições de vida na Comunidade de Redonda/CE, como o artesanato. Para Lima (2006), essa atividade nas comunidades pesqueiras marítimas é uma referência cultural importante que se concretiza como opção de trabalho, e é uma forma de garantir uma poupança para as horas de necessidade.

Em conversa com mulheres labirinteiras da comunidade — as quais têm nas mãos a arte de bordar peças belíssimas, tanto de cambraia e estopa como de linho —, buscamos descobrir como a arte do labirinto chegou à Comunidade de Redonda e qual a importância dessa atividade para a formação social e econômica no local. A respeito dessa arte, Lima (2006) explica que aqui e acolá se identificam antigas labirinteiras com suas grades, as quais, para vender seus trabalhos, em muitos casos, dependem do atravessador.

Durante a investigação, tomamos conhecimento da existência de um polo de renda labirinto em Icapuí, formado por mulheres que moram em comunidades vizinhas. Segundo Lima (2006), não se sabe a data de origem dessa atividade artesanal na comunidade de Redonda. No entanto, a memória dos antepassados revela que esse saber vem sendo transmitido por várias gerações, até os dias de hoje. Com base nessas memórias, reveladas nas narrativas (auto)biográficas, trazemos neste tópico as experiências de vida de homens pescadores e mulheres labirinteiras de Redonda/CE.

Nosso contato inicial com os moradores da comunidade se deu no momento do café da tarde do dia 19 de dezembro de 2015, no restaurante *O Pescador*, onde conhecemos Dona Flor. Nesse encontro, conversamos em grupo e tivemos a oportunidade de ouvir seus relatos de vida e saberes da experiência do seu cotidiano. Era impossível não ficarmos com os ouvidos atentos a tantas histórias de vida, saberes e fazeres que nos enriqueciam.

Pela fala de Dona Flor, descobrimos que foi labirinteira, filha e esposa de pescador, mas nunca pescou. Casou-se com o senhor José, homem bom, muito especial. O que mais gostava nele era como tratava as fêmeas (moças); era delicado e gentil. Ela conta que quando viu o seu jeito falou: “É com ele que eu vou namorar”. Quando começou um relacionamento com José, Dona Flor tinha dezesseis anos. Além de primos, eram também muito amigos. Talvez, por isso ainda estão casados. Tiveram cinco filhos, três meninas e dois meninos. Hoje, Dona Flor não faz mais labirinto. Comenta que não dá mais dinheiro como antes, porém, cuida do seu amor com muito zelo e dos netos. Quando perguntamos à Dona Flor sobre as suas memórias na Comunidade de Redonda/RN, relata:

Agradeço tudo o que sei ao padre Diomedes, que nasceu em Pereiros, no Ceará, filho de paulistas. A comunidade tinha até outro padre, mas ele só celebrava a missa. Quando o padre Diomedes fez a mudança foi com muito amor, sabedoria e perseverança. Quando ele chegou, todos sentavam no chão. Os porcos eram soltos e os moradores não andavam calçados, não comiam verduras nem legumes, não tinham mesas nem banheiros. As necessidades eram feitas em baixo do cajueiro e só comiam pirão. O padre passou a reparar e corrigir com amor, mas teve que fazer uma viagem. Ficou nove meses na Alemanha, mas não desistiu da Comunidade de Redonda. Chegando, ficou treze anos só ensinando. Passava, às vezes, três dias por semana. Trouxe de Limoeiro doze banheiros e doze filtros de água. Falou sobre a importância de beber água filtrada, de sentar à mesa, de usar chinelo. Trouxe um rapaz que só comia verduras e legumes para nos ensinar a importância da alimentação através das verduras e legumes. Formou dois enfermeiros para ficar em uma farmácia que, agora, não faltava curativos para ninguém. Trouxe duas meninas para ensinar lavar os banheiros que trouxe e os que construíram, e também para ensinar a passar as roupas íntimas e falar da importância de lavar as mãos. Construiu a primeira escola com pedras das falésias. Ele foi o primeiro a pegar a primeira pedra. Construiu a estrada (Narrativas de Dona Flor, labirinteira da Comunidade de Redonda, Icapuí/CE, 19/12/2015).

Conforme observamos no trecho descrito acima, os ensinamentos do padre Diomedes foram essenciais para a modificação dos hábitos dos moradores de Redonda, de modo que não eram mais chamados de índios. Entretanto, essa mudança não foi algo fácil, havia um pouco de resistência por parte de alguns, mas nada como uma boa conversa de comadres no alpendre para convencer os contrários. Quanto aos porcos e as conversas no alpendre, Dona Flor comentou que:

Mataram os porcos e uma das senhoras não queria matar os porcos dela e nem se desfazer deles. No alpendre, todas se reuniam para conversar sobre tudo o que o padre ensinava; discutiam como era bom aprender e como ele estava certo. Começaram a inventar várias coisas para a mulher se desfazer dos porcos, e conseguiram, de tantos rumores. No final, dona Flor termina agradecendo ao padre Diomedes entre tudo, porque trouxe conhecimento e organização para comunidade (Narrativas de Dona Flor, labirinteira da

Comunidade de Redonda, Icapuí/CE, 19/12/2015).

No caminhar da pesquisa de campo, à tarde, do mesmo dia, nossa professora dividiu a turma em vários grupos para fazemos visitas às casas dos moradores. A intenção era registrar todas as conversas, com a permissão dos entrevistados. Fomos à casa de Dona Flor, onde tivemos a oportunidade de conhecer o seu grande amor, o senhor José. Na oportunidade, conversamos com ele sobre sua vida no mar e os saberes e as experiências de vida adquiridos na praia de Redonda. Queríamos entender, por meio de suas recordações, os elementos simbólicos e compreendê-los como elementos constitutivos da sua formação (JOSSO, 2010). ela relatou:

O senhor José relatou que seus pais, avós e irmãos, todos nasceram na Redonda. Quanto às lembranças da infância, o pescador contou que gostava de brincar de correr no mar, tomar banho, rolar na areia e voltar a tomar banho. Comer era difícil, não tinha praticamente nada. À noite, ele e as demais crianças corriam nos pés de manjirobas e brincavam de esconder. Comentou, também, que seu tio começou a levá-lo para pescar com apenas oito anos, por isso frequentava pouco a escola. Ele recorda que o nome da professora era Mestre (*in memoriam*), a primeira do local. Na conversa com o senhor José, observamos, então, a memória seletiva apontada por Pollak (1992) e comentada por nós no tópico anterior.

Finalizado nosso momento com o senhor José, voltamos a conversar mais um pouco com a Dona Flor. Descobrimos por ela que sua irmã fazia a arte do labirinto e que tinha algumas peças para vender. No mesmo momento, mandou chamar a sua irmã, Dona Rosa<sup>3</sup>, que tem sessenta e nove anos de idade. Uma linda e adorável mulher que permaneceu solteira por todos esses anos. Teve algumas paqueras, mas não casou, por isso tem apenas uma filha de criação e dois netos lindos; sua alegria.

Quando perguntamos às irmãs sobre quais lembranças da infância marcaram suas vidas, Dona Rosa comentou a respeito das bagunças que fizeram juntas, dando boas risadas. Dona Flor, por sua vez, falou que a irmã era muito levada. Esta logo se defendeu e disse: “Eu não! Tinha um senhor que sempre me observava e dizia que eu era a mais comportada de todas”. No momento da conversa, ambas falaram sobre as aventuras daquela época. Dona Rosa lembrou que quando a mãe ia dormir tentavam sair escondidas para o baile, mas, quando a mãe as pegava, era uma surra nas duas. Dona Flor, entretanto, registrou como marcas em sua memória os piolhos e bichos de pé. Esses fatos nos permitem compreender melhor a

---

<sup>3</sup> O nome Dona Rosa é fictício. Lhe demos esse nome para garantir sua privacidade, bem como para manter a confiança no pesquisador, a fidelidade e a ética exigidas pela pesquisa.

afirmação de Josso (2010) sobre os contos e as histórias da nossa infância como os primeiros elementos de uma aprendizagem sinalizada para o ser humano e, também, para a nossa compreensão das coisas da vida.

Sobre a arte do labirinto, Dona Rosa comentou que iniciou aos cinco anos de idade, somente observando os mais velhos. Se orgulha em ter criado sua filha às custas dessa profissão. Sua fala nos remete às observações de Tardif (2012) relacionadas ao fato de os sujeitos, no exercício de suas funções e na prática de sua profissão, desenvolverem saberes específicos, baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio. Entendemos, portanto, que foi através das experiências vivenciadas com os avós, pais, tios, que os moradores da comunidade conseguiram construir relações significativas para sua vida na coletividade.

Nossa colaboradora também admitiu que nunca foi à pesca, apesar de ser filha de pescador, e que só estudou até a 4ª série, sendo apenas alfabetizada. Relatou ainda que a mãe era analfabeta, mas que era liberal deixava as filhas brincarem. Conta que suas brincadeiras de infância eram sempre na praia. Perguntamos, então, à Dona Rosa qual a importância, hoje, do labirinto para sua vida, ao que ela respondeu:

A profissão está acabando, não há interesse nas jovens de aprender, as peças são caras e demora muito para fazer uma toalha de prato, leva de cinco a dez dias, o valor não compensa. Nem a filha, nem a neta querem aprender a profissão, se preocupa por que a tradição está acabando. Explica como faz: coloca o pano na grade e faz o desenho ponto por ponto. Uma toalha de prato custa em média trinta reais e uma colcha pequena em média setecentos reais. Atualmente só faz por encomenda. Lembra que antes ela e dona Flor vendiam quando colocava na grade. Falam que nunca passaram necessidades, pois seu pai era comerciante e pescador (Narrativas de Dona Rosa labirinteira da Comunidade de Redonda, Icapuí/CE, 19/12/2015).

Atualmente, Dona Rosa só faz as peças por encomenda, mas lembra que, antes, ela e Dona Flor vendiam seu material quando eram colocados na grade. Segundo elas, nunca passaram necessidades, pois seu pai era comerciante e pescador. Por meio das narrativas de Dona Rosa, percebemos o quanto a profissão de labirinteira está, aos poucos, sendo extinta. Segundo seu relato, o tecido é caro e o ganho é pouco. Na verdade, quem ganha mais são os comerciantes de fora, pois compram e vendem bem mais caro. Para Dona Rosa, as jovens não se interessam por apreender esse tipo de artesanato que já foi uma arte de bons resultados e oportunidades. Lima (2006), em sua pesquisa, aponta exatamente isso e complementa afirmando que, hoje, nem as mães insistem em repassar o seu conhecimento da arte. Para Lima (2006), essa arte pode perder a sua importância cultural e/ou econômica em determinadas comunidades e, em outras, talvez, aconteça o contrário.



Ainda na entrevista à Dona Rosa, indagamos se, hoje, mesmo com a desvalorização e escassez do trabalho com o labirinto, as coisas estão melhores. Ela respondeu que sim, mas acrescenta que, se não fossem as drogas e a falta de respeito, Redonda poderia ser um Paraíso.

Nos dias atuais, é comum encontrar na comunidade pessoas (homens, mulheres e crianças de ambos os sexos envolvidas na confecção artesanal, mas de artefatos de pesca (redes, manzuás, fateixas), principalmente no final do período de defeso. Enquanto isso, uma parcela significativa de homens envolve-se nos constantes reparos das embarcações e outro pequeno número de homens na fabricação de meios de transporte para o trabalho (botes, jangadas e barcos) (LIMA, 2006).

Os relatos por nós ouvidos e aqui transcritos nos permitiram perceber o sentimento de coletividade na Comunidade de Redonda/CE, o que nos leva a concordar que a memória deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes (HALBWACHS, 1990).

Nossos sujeitos relataram com convicção os fatos que viveram, cada momento, cada minuto de suas experiências. Compreendemos, pois, que suas memórias coletivas estão vivas dentro de si; é como se, no momento da narrativa, voltassem ao passado. No relatar dessas experiências, percebermos ainda uma variação de expressões em seus olhares, ora de alegria, ora de tristeza, o que corrobora a ideia de Halbwachs (1992), quando explica que as histórias podem ser diferentes, com contos e olhares diferentes.

Com efeito, trazemos aqui mais que histórias de pescador, trazemos as narrativas dos saberes da experiência de mulheres labirinteiras da Comunidade de Redonda/CE, que para Tardif (2012), resultam do próprio exercício das atividades profissionais dos sujeitos no meio em que vivem, as quais possibilitam a (re)construção e reconstrução das memórias, saberes e fazeres para a formação e (auto) formação do cotidiano em coletividade.

### **Palavras não conclusivas**

A partir desta pesquisa, as narrativas (auto)biográficas podem ser compreendidas como um processo de transformação do sujeito, no pensar em si, falar de si e escrever sobre si. Elas surgem em um contexto intelectual dinamizado pela invenção de si próprio e pela valorização da subjetividade e das experiências privadas.

Diante das narrativas de mulheres labirinteiras da Comunidade de Redonda/CE, observamos que há um grande desafio quanto à continuação do trabalho do labirinto pelas

futuras gerações. Os resultados apontam que os saberes da experiência dessas mulheres estão sendo repassados e compartilhados com os outros que vivem no lugar. Dessa forma, pode-se admitir que tais saberes estão contribuindo para a (auto)formação do cotidiano dos moradores da Comunidade de Redonda/CE. Por consequência, essas mulheres se afirmam como sujeitos de pertença desta comunidade, na (auto)formação de si e na relação com o outro.

Por meio da memória, os sujeitos da pesquisa relembram o início da formação da comunidade, as dificuldades de permanecerem no lugar, os ensinamentos das tradições e os saberes da experiência compartilhada com o outro, em coletividade. Apontamos que as narrativas (auto)biográficas são caminhos que possibilitam a reflexão da prática cotidiana e que é através dessa prática que se confirmam, modificam e ampliam os diferentes saberes por meio dos quais o sujeito reconstrói o passado, na conciliação da memória individual como a memória coletiva

## Referências

BOGDAN, Roberto C. e BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Presses Universitaires de France, 1990. Disponível em: [lelivros.website/book](http://lelivros.website/book). Acesso em: 29 de outubro de 2017.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. 2. ed. rev. e amp. Natal, RN: EDUFRN, São Paulo: Paulus, 2010.

LIMA, Maria do Céu de. Pescadoras e pescadores artesanais do CEARÁ: modo de vida, confrontos e horizontes. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, ano 05, n. 10, 2006. Disponível em: [www.repositorio.ufc.br](http://www.repositorio.ufc.br). Acesso em: 5 nov. 2017.

MARINHO, Reynaldo Amorim. **Co-gestão como ferramenta de ordenamento para a pesca de pequena escala do litoral leste do Ceará-Brasil**, 2010. Disponível em: [www.repositorio.ufc.br](http://www.repositorio.ufc.br). Acesso em: 2 nov. 2017.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: [www.slideshare.net/](http://www.slideshare.net/). Acesso em: 27 out. 2017.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A Arte de Contar e Trocar Experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br>, 2006. Acesso em: 15 set. 2015.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.